

Os meus avós maternos moram na Covilhã, cidade peculiar, com uma capacidade singular de auto-destruição: as Câmaras Municipais, sufragadas pelo povo, deram cabo da bonita cidade de interior - do centro ao mais recôndito arrabalde, tudo tem sido ferozmente "modernizado". Hoje em dia, com os cerca de 30.000 habitantes que mantém há muitos anos (dados provavelmente inflacionados pelas gentes locais), até já tem 2 hipermercados!

Nascido em Lisboa e, desde cedo a morar no Porto, a Covilhã era para mim o local de férias por excelência (acima de tudo, o mais barato): cidade pequena e parada, tinha como vantagem a serra, à qual não podia ir sempre. A piscina, muito má, era das poucas alternativas. Como tantas outras cidades de interior, a cultura não era o seu forte: com um Cine-Teatro constantemente fechado (que correu riscos de ir parar às mãos da IURD) e até há bem pouco tempo um único cinema, sobrava, espantem-se os pacientes leitores, uma BIBLIOTECA! Claro que, se não fosse Calouste Gulbenkian, a Biblioteca Municipal da Covilhã talvez fosse uma arrecadação do Sporting Clube local. Não sendo eu um fanático dos livros (peço desde já desculpa ao leitor eventualmente mais iluminado do que eu pela minha humilde existência), gosto de ler umas coisitas: nada melhor do que me socorrer da dita Biblioteca.

O meu mundo era a secção infantil, salinha agradável com cheiro a creche e livros sempre com muitas figurinhas a cores. Só podia ler os "verdes" que ocupavam 8 prateleiras da Biblioteca. Até aos 12 anos, contentei-me com os livros que tinha em casa da minha avó ou, da Biblioteca, as "Anitas", os "Cinco", os livros da Alice Vieira e pouco mais. Mesmo ao lado, os "castanhos" (romances) não me despeitavam ainda grande interesse.

Com os meus 12-13 anos, começa a despertar em mim o interesse por coisas novas: a secção castanha já me

piscava o olho, mais pelo proibido do que pelos temas em si. Comecei a querer ler mais alguma coisa do que aquilo que me era permitido: estava na moda o Adrian Mole, que ensinava umas coisas que convinha saber para não fazer má figura, comecei a gostar das ideias da Mafalda. Heresia. Como é evidente, nesta idade, não se pode ensinar aquilo que os miúdos não devem saber. Sexualidade? Problemas Sociais? Política? Não! Contenta-te com os "Cinco", lê mais qualquer coisa quando fores mais velho.

Todas as outras secções da Biblioteca só estavam acessíveis a maiores de 16 anos, e nelas se encontravam, entre outros, o "Astérix".

A idade para o Adrian Mole estava a passar e a Biblioteca (onde eu ia cada vez menos) mantinha a sua proibição. Chegado aos 14 anos, zanguiei-me com a Biblioteca e escrevi para o "Jornal do Fundão" a explicar estas proibições. A notícia foi publicada com grandes honras (ou não fosse o director do jornal um velho amigo do meu avô) e eu convenci-me de que ia mudar o mundo.

Desde esse dia penso que não cheguei a ir lá meia dúzia de vezes. A última vez que lá fui, há dois anos (tinha eu 18), mantinha-se a mesma proibição. Aliás, tudo se mantinha.

A esmagadora maioria dos 30.000 habitantes da Covilhã e outros tantos nas localidades mais próximas, não têm outra possibilidade para ler senão recorrendo à Biblioteca Municipal Calouste Gulbenkian da Covilhã.

Basta um pequeno e mesquinho artigo de um qualquer regulamento de Biblioteca para comprometer seriamente o desenvolvimento cultural de uma região. Será que num país de ileterados, com taxas de frequência do Ensino Secundário e Superior inferior às da Turquia, há muitas Covilhãs? Só espero que não.

*Manuel Alçada*